

**REPONTANDO LEMBRANÇAS DO PAGO:
APROPRIAÇÃO E RECONSTRUÇÃO DAS TRADIÇÕES GAÚCHAS NO PARANÁ.**

RENATA SOPELSA - UFPR¹

Fenômeno social não somente no Rio Grande do Sul como em vários outros estados da federação, contando com núcleos até mesmo no exterior, na década de 1980 o Movimento Tradicionalista Gaúcho foi considerado por seus líderes como sendo “o maior movimento de cultura popular do mundo ocidental”, visto que, segundo seus levantamentos, já naquele momento contava com a “participação direta de dois milhões de pessoas”.²

Essa descrição foi corroborada, sobretudo, pelo significativo crescimento numérico e do raio de influência que as entidades filiadas a esse movimento obtiveram com o aumento do fluxo de migrantes sulistas pelo interior do Brasil. Interpretada como sendo uma espécie de diáspora, esse deslocamento de gaúchos a procura de novas fronteiras agrícolas levou para as regiões de acolhimento determinados aspectos sócio-culturais considerados comuns ao seu local de origem, os quais foram reproduzidos principalmente nos espaços disponibilizados com a criação dos Centros de Tradições Gaúchas. Todavia, anterior a essa complexa “diáspora”, alguns contingentes de gaúchos que haviam migrado em períodos anteriores já haviam constituído CTGs por diversas cidades do Paraná e de Santa Catarina, dentre eles o CTG Vila Velha em Ponta Grossa.

Fundado exatamente dez anos após o surgimento do “35 CTG”, primeiro centro de tradições criado em Porto Alegre, em 1948, o “Vila Velha” inscreve-se na história desse movimento *sui generis* no país por marcar o início da sua expansão fora do Rio Grande do Sul. Inicialmente formado apenas por um pequeno grupo de indivíduos que em comum tinham a procedência e a escolha da mesma cidade como local onde passariam a viver em busca de melhores oportunidades financeiras, em poucos anos esse centro passou a contar com outras pessoas que não possuíam qualquer ligação com esse estado.

Tratava-se de outros migrantes, migrantes do campo, homens, mulheres e crianças que haviam abandonado a área rural para morar no meio urbano, espaço em que

projetavam seus sonhos de uma vida melhor. Uma vez instalados e imersos nesse outro mundo, esses novos citadinos foram descobrindo um cotidiano bastante distinto daquele a que estavam habituados. Aliás, a dessemelhança entre esses dois mundos causava ao mesmo tempo fascinação e rejeição, pois embora a modernidade os fascinasse, não poderia concorrer com a rotina que haviam deixado para trás e que lhes servia de referencial, que lhes dava segurança.

Nesse sentido, o encontro com outros indivíduos que igualmente houvessem passado pelo processo de mobilidade física e social fez-se atraente perante a perspectiva de, talvez em parte, tornar mais fácil a reconstrução das suas redes de sociabilidade e reelaboração de sua identidade. O CTG Vila Velha surge, então, como um espaço capaz de proporcionar esse encontro. Mas, por quais motivos esse centro conquistou a atenção desses migrantes do campo? Como transformou-se no palco dessas interações sociais? Pode-se dizer que foi o discurso. Foi o discurso implícito na divulgação do centro que cativou essas pessoas, visto que o mesmo possuía uma linguagem voltada ao homem do campo, ou que, ao menos, possuísse ligações afetivas com esse espaço.

É perceptível que o conteúdo do estatuto registrado pelo centro foi adaptado para tratar não do gaúcho, mas do “gaúcho paranaense”, herdeiro de “costumes e usanças” lapidados no passado. Dessa maneira, ocorre nitidamente uma inversão de sentidos, já não se buscava “manter viva a tradição gaúcha”, caberia ao Vila Velha “relembrar, honrar e conservar” as “virtudes” de um personagem dono de mesmo “patrimônio sulino” de valores e comportamentos engendrados no mundo rural. Seguramente o Vila Velha foi divulgado segundo os mesmos contornos dados aos seus documentos oficiais para falar da existência de um “gaúcho paranaense”. Dessa maneira, tanto nas festas regularmente promovidas no galpão do CTG, quanto nos programas de rádio a ele ligado buscava-se apresentar elementos que reportassem a esse personagem. E se, a princípio, o intuito resumia-se a divulgá-lo e conseqüentemente a finalidade do CTG, em seguida foi descoberto um público que o aceitava com espontaneidade. Essas pessoas tornaram-se, desde logo, um público alvo.

A forma de seduzi-las começava pelo vocabulário usado pelos representantes do centro, por exemplo, o programa Pilchando a Tradição era iniciado com um: “Buenas, patrícios velhos, com licença para entrar em seu rancho”, ou “índiada buena destes rincões ponta-grossenses, queiram aceitar em nome do CTG Vila Velha, o meu Buenas Noite”.³ Ao usar termos acastelhanados que pertenceriam ao linguajar do gaúcho e palavras como rancho e rincão, certamente a apresentadora não estava se dirigindo a pessoas com formação urbana, mas àquelas que tivessem vínculos com o meio rural.

Por sua vez, outro apresentador também expunha aspectos relativos ao campo, pois em seu programa “os integrantes do CTG vinham pilchados a gaúcha, ornamentavam o palco com pelegos, com peças de montaria, laços, chimarrão”.⁴ A mesma decoração existia no galpão do Vila Velha, construção de madeira em estilo rústico onde os sócios se reuniam para comer carne assada no fogo de chão ou arroz carreteiro. Eram ambientes que primavam pela simplicidade comuns nas habitações do mundo rural e pela alusão ao trato de animais.

Todavia, afora essas formas de referenciar o espaço campeiro e seu personagem social, outras menos explícitas e não planejadas possivelmente obtiveram melhores resultados na conquista desse público. Entre elas, escolheu-se analisar a receptividade que determinadas letras de música e poesias com inspiração gauchesca acabaram alcançando.

Com ritmos variados como a valsa, o shot e a vaneira, as músicas ditas gaúchas tinham como característica, além do uso da gaita como instrumento principal, a abordagem de temas voltados para a vida no campo: Quando eu saio a cavalo/ montado no meu baio/ cortando as coxilhas/ eu não acho atrapalho,/ atravesso as canhadas/ só na marcha troteada/ e numa boa sombra/ eu faço a sesteada⁵. O cavalo, as coxilhas que o personagem atravessa com facilidade por conhecê-las bem, a sensação de liberdade, a parada para descansar e distrair-se tocando gaita, são elementos que remetem ao ouvinte a imagem de um homem ligado ao campo com um modo de vida orientado pela desambição e tranqüilidade que seriam inerentes a esse lugar.

Essas formas de evocação do mundo rural eram pertinentes, afinal lembravam situações vivenciadas ou transmitidas pelas gerações anteriores, fator que permitiu com que muitos desses indivíduos passassem a se perceber como representantes ou herdeiros da ‘sociedade campeira’. Corolariamente, a participação em um tipo de associação que enaltecia as tradições gaúchas fez-se atraente, porque dedicada ao homem do campo. Por conseguinte, estavam dadas as bases para a apropriação de determinados traços identitários atribuídos a essa figura quase mitológica e de vários aspectos culturais que a mesma teria outorgado aos rio-grandenses. Ou, consoante a afirmação de Heliana Angotti Salgueiro, estavam dadas as “condições de possibilidade” para que tal processo ocorresse.

6

Na esteira de Salgueiro, a historiadora Etelvina M. C. Trindade ressalta que a transferência de matrizes não pode ser entendida como feita linearmente, antes devem ser buscadas as particularidades que a permitiram, pois “toda tentativa de leitura desse processo terá, pois, que levar em conta as especificidades históricas e os responsáveis pelas decisões...”⁷ Transportando essa via de investigação para o presente estudo, percebe-se que foram justamente as especificidades históricas da região dos Campos Gerais e o agrupamento de indivíduos que direta ou indiretamente as conheceram, que proporcionou o desencadeamento dessa transferência. Dito de outra forma, tomando de empréstimo as palavras de Trindade, foram essas “peculiaridades” que tornaram possível que os integrantes do Vila Velha se “espelhassem” no “modelo” do gaúcho.⁸

Assim, prosseguindo o projeto já iniciado pelos proprietários rurais que passaram a dirigir o CTG e em conjunto com estes, os novos sócios apropriaram-se de práticas e símbolos até então restritos aos integrantes dos centros rio-grandenses e ao discurso do Movimento Tradicionalista que os havia instituído e oficializado. Antes de mais, produziram uma forma diferenciada de interpretação sobre a imagem do gaúcho, que deixa de ser alusiva a figura mitológica dos pampas e passa a definir qualquer homem do campo: “Gaúcho é o homem do campo... É um homem que tem as lidas campeiras... Tem gente que pensa que gaúcho é só do Rio Grande do Sul, o rio-grandense, é um engano muito grande,

porque desde que me conheço, meu pai já me ensinava que gaúcho é o homem do campo...”⁹

Filho de um dos diretores, o depoente afirma ter aprendido ainda na infância que o paranaense é “tão gaúcho” quanto os indivíduos que moravam no Rio Grande do Sul. Foi-lhe ensinado que não interessaria o local de nascimento para distinguir quem era ou não gaúcho, interessaria se o homem era ligado as atividades campeiras.

Desvela-se, assim, uma ação criativa por parte dos sócios do Vila Velha, uma releitura das coisas gauchescas, tal como lembra Roger Chartier, cujos estudos nos trouxeram significativas contribuições. Nos alinhando as discussões desse autor, embora atentando para as diferenças de objeto, percebemos que o processo de apropriação “permite pensar as diferenças na divisão, porque postula a invenção criadora no próprio cerne dos processos de recepção”.¹⁰ Ora, tal como ocorreu com os membros do CTG, os modelos “não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole”, afinal este é dotado de liberdade e intencionalidade para produzir sentidos não pretendidos ou singulares sobre os mesmos.¹¹ No mais, continuando a trilhar o caminho de análise de Chartier, observa-se que esses novos sentidos, essas novas interpretações das matrizes que foram plantadas pelo 35 CTG e solidificadas pelo Movimento Tradicionalista, certamente afetaram esses indivíduos, os conduzindo a uma outra norma de compreensão de si mesmos e do seu mundo social.¹²

Nesse sentido, ao fim e ao cabo, os membros do Vila Velha passaram a se ver e a se comportar segundo os contornos que atribuíram ao modelo do gaúcho. Em suma, nem as pessoas, nem seus valores eram os mesmos do passado, tal como não eram os mesmos os usos e costumes que procuravam reproduzir, haja vista que tudo passava por um processo de reinterpretação, de reconstrução de sentidos. Mas, foi justamente devido a esse processo que as tradições tornaram-se o cerne da união desses indivíduos em torno do CTG.

¹ Especialista em História e Cultura e aluna do Programa de Pós-Graduação em História, nível Mestrado, na Universidade Federal do Paraná.

² Ver: OLIVEN, Ruben George. “**O maior movimento de cultura popular do mundo ocidental**”: o **Tradicionalismo Gaúcho**. In: Cadernos de Antropologia. Porto Alegre: IFCHL/UFRGS, 1992.

³ Caderno de script do Programa Pilchando a Tradição, escrito pela apresentadora Ana Tereza Guzzone.

⁴ Entrevista.

⁵ Música Cancioneiro das Coxilhas, composta pelos artistas rio-grandenses Irmãos Bertussi e gravada em 1956.

⁶ De acordo com a autora, a “noção de condições de possibilidade mostra-se especialmente fecunda numa reflexão comparativa, substituindo com vantagens e indo além da noção inadequada e ultrapassada de influência”. SALGUEIRO, Heliana Angotti. **Revisando Haussmann**. Os limites da comparação. A cidade, a arquitetura e os espaços verdes (o caso de Belo Horizonte). In. Revista USP, n. 26, jun-ago, 1995, p. 196.

⁷ TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Espelho e modelo**. A internacionalização do pensamento urbanístico. Curitiba na virada do século. In: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH). Anais da XIX Reunião. Curitiba, 1999, p. 234.

⁸ Idem.

⁹ Entrevista.

¹⁰ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre práticas e representações. Coleção Memória e Sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990, p. 136.

¹¹ Nenhuma “leitura” é dotada de passividade, pois sempre ocorre uma apropriação que vai ao encontro as coordenadas espaço-temporais do leitor. Idem, p. 25.

¹²Ibidem, p. 24.